



O conceito de *limite* para André Green: um modelo metapsicológico para pacientes fronteirios

*José Martins Canelas Neto**, São Paulo

O psicanalista francês André Green apresentou contribuição teórica muito útil à psicanálise com sua reflexão ao longo de décadas sobre a problemática dos chamados casos-limites (borderlines). No presente artigo, o autor se propõe a transmitir a construção do pensamento de Green sobre os limites da psique, reflexão necessária para constituir uma metapsicologia dos limites e esclarecer muitos aspectos do funcionamento psíquico e do trabalho psicanalítico com esses pacientes. A noção freudiana de clivagem, assim como muitas ideias de Winnicott e Bion são articuladas de maneira muito consistente para dar origem a essa metapsicologia. As angústias de perda e de intrusão marcam a relação transferencial-contratransferencial com esses indivíduos. O desenvolvimento dos chamados processos terciários durante o tratamento aparece como muito importante na tentativa de aumentar o campo psíquico da representação. Por fim, o autor retoma a reflexão desenvolvida por Green sobre o pensamento em psicanálise a partir dessa clínica.

Descritores: limite, clivagem, casos-limite, André Green, pensamento.

* Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Editor da revista *Ide*.



Após a Segunda Guerra Mundial vários autores introduzem a noção de pacientes fronteirios (*borderlines*). Essa fronteira estaria situada entre neurose e psicose. André Green, a partir da década de 1970, é o autor que, a meu ver, leva mais longe a proposta de construir uma metapsicologia apropriada para esses pacientes.

Em seu artigo de 1976, *O conceito de limite*, escrito a partir de uma apresentação na *International Conference on Borderline Disorders* (realizada na *Menninger Foundation*, em Topeka, EUA.), sistematiza suas principais reflexões metapsicológicas sobre esses pacientes. Em 1982 escreve um segundo artigo que amplia essas primeiras elaborações teóricas: *O duplo limite* (Green, 1982). E mais recentemente, em 2000, publica seu livro *La pensée clinique* (Green, 2002), no qual descreve de maneira original diversos modos de funcionamento psíquico de pacientes desse tipo: analidade primária, posição fóbica central, relações entre a histeria e os casos-limites e as relações entre narcisismo e masoquismo nos fracassos terapêuticos.

Green defende a ideia que o caso do *homem dos lobos* seria, dentro da obra de Freud, o paradigma de um caso limite. Mostra a existência da alucinação negativa do sangue na cena do dedo cortado desse paciente. Por outro lado, na cultura, afirma que nossa figura mítica contemporânea é antes Hamlet do que Édipo. Assim, em Hamlet é colocada a questão do ser e da representação, como nesses pacientes contemporâneos.

A clínica atual comporta uma grande diversidade de patologias, as quais se distinguem das neuroses e também das psicoses: patologias narcísicas, psicossomáticas, distúrbios do comportamento alimentar, psicopatias, etc. Um grupo dentre eles é constituído pelos *casos-limites* ou *fronteirios* ou *borderlines*. É precisamente com esse tipo de pacientes que Green trabalha e constrói sua metapsicologia do limite.

“Por detrás dos casos-limites existe na verdade um conceito: o conceito de limite” (Green, 1976, p. 103-104, tradução do autor). A palavra *limite* não pertencia ao vocabulário da psiquiatria e nem ao da psicanálise freudiana. Um limite seria, para o dicionário, uma linha de demarcação. No entanto, em psicanálise, trata-se, mais precisamente de um “vasto território onde não há nenhuma divisão precisa que permita separar a loucura da não-loucura” (Green, 1976, p. 105, tradução do autor). Green coloca então a questão: “Tal generalização está necessariamente ligada aos dois territórios que estão nas duas partes da fronteira, a saber, a neurose e a psicose, ou então o limite poderia ser ele mesmo o objeto de uma teorização?” (Green, 1976, p. 105, tradução do autor). Questão importante que indaga se



podemos ou não falar de uma organização psíquica independente (logo, com uma metapsicologia própria) para esses casos-limites.

Começemos nos perguntando com Green: o que é o limite de alguém? O que vem em primeiro lugar à mente é a ideia do envelope da pele, um continente. Mas este apresenta várias soluções de continuidade, isto é, buracos. Nosso continente pele apresenta-se descontínuo, com buracos, que desempenham um papel de portas, passagens: olhos, orelhas, nariz, boca, anus, órgãos genitais. Zonas erógenas que funcionam nos dois sentidos: para *dentro* e para *fora*.

Uma concepção figurada pode nos servir como um modelo para um eu inicial: a superfície contínua da pele, a qual delimita claramente um *dentro* e um *fora* e, por outro lado, as soluções de continuidade, que constituem os buracos das zonas erógenas, zonas de passagem dentro/fora. Green se pergunta então: “Qual é a relação entre a psique (e seus limites) e as partes do corpo?” (Green, 1976, p. 107, tradução do autor). Para tentar responder a essa questão e apresentar sua concepção dessa metapsicologia do limite, Green retoma certas ideias de Freud (o qual sempre foi a referência fundante para o pensamento do analista francês) e as faz entrar em ressonância com ideias de M. Klein, Winnicott e Bion.

Em *Neurose e psicose* (Freud, 1924), ao se perguntar sobre o mecanismo correspondente na psicose ao recalçamento da neurose, Freud avança a hipótese de que haveria na psicose uma retirada do investimento que tinha sido colocado para fora pelo ego. Essa retirada do investimento do *fora* é a pré-figuração da *clivagem do ego*, que vai ser abordada no final da vida por Freud no artigo inacabado de 1938. Esse conceito é um dos pilares da metapsicologia dos casos-limites. Antes dele, o conceito de recusa *Verleugnung* (denegação, negação ou repúdio da realidade) corresponderia a um recalque da percepção da realidade externa, enquanto o recalçamento da neurose concerniria à realidade psíquica.

Green mostra, a partir de Freud, o papel fundamental na psicose da vida cognitiva e da capacidade do ego em tratar não somente das pulsões, mas também das ideias e dos julgamentos. Esse aspecto reforça a tomada em consideração de Bion (que trabalhou com psicóticos) do conceito de K (*knowledge* – conhecimento), que dá importância aos processos de pensamento na psicose.

O artigo *A negação* (1925), de Freud, é muito valorizado por Green. Nesse texto, Freud coloca a noção de um *limite originário* constituído pela operação inaugural do julgamento de atribuição. Freud considera que, antes do surgimento do objeto, surgiria a oposição subjetivo/objetivo:

Originalmente então, a existência da representação já é uma garantia da existência do representado. A oposição entre subjetivo e objetivo não existe



desde o início. Ela somente se estabelece pelo fato de que o pensamento possui a capacidade de tornar de novo presente aquilo que fora percebido uma vez, por reprodução na representação, sem que o objeto tenha necessidade de ainda estar presente no fora. O fim imediato e inicial do exame da realidade não é o de encontrar na percepção real um objeto correspondente ao representado, mas de reencontrá-lo, convencer-se de que ainda existe (Freud, 1925, p. 137-138, tradução do autor).

O pensamento exerce, então, um trabalho ativo realizado por meio de pequenas quantidades de energia, tendo como meta o reencontro do objeto para se assegurar de sua existência, isto é, de sua realidade. É esse trabalho do pensamento que constitui o julgamento de existência. No artigo sobre o duplo limite, Green (1982) vai lembrar-nos de uma omissão de Freud exatamente nesse ponto, uma vez que, entre esse limite originário e a constituição do pensamento, instaura-se um segundo limite que divide o dentro. Isto porque o ato que expulsou o mau para fora do corpo nada resolveu. Resta ao sujeito dominar o retorno dessas primeiras impressões sob a forma de lembrança dessa experiência dolorosa, o que justificará a operação do recalque.

Green afirma que Freud constitui nesse artigo uma *cartografia do aparelho psíquico*. Constrói o seguinte esquema:

- a) Uma fronteira *vertical* separa o bom (o dentro) do mau (o fora). Essa separação ocorre convenientemente à separação do *sim* (dentro) e do *não* (fora).
- b) Uma fronteira *horizontal* separa o espaço de dentro, do agradável e do desagradável, do prazer e do desprazer.

As duas fronteiras reunidas vão criar a separação entre a realidade interna, de um lado, e a realidade externa, do outro. A realidade interna comporta o consciente, os processos secundários, os afetos e representações de prazer e desprazer. Mas essa realidade interna também comporta, por outro lado, “o recalque inconsciente – a única verdadeira realidade psíquica – que forma um sistema de oposição invertida de afetos prazer-desprazer e um sistema de julgamento no qual o ‘não’ é impensável” (Green, 1976, p. 111). Quanto a M. Klein, Green se refere ao artigo *Notas sobre certos mecanismos esquizoides* de 1946, no qual ela descreve o enrijecimento das emoções, a clivagem, a idealização e relata sua descoberta da identificação projetiva.

Em seguida, o psicanalista francês vai se debruçar sobre Bion, citando seu artigo de 1957: *Diferenciação da parte psicótica e da parte não psicótica da personalidade*. Bion tenta dar uma perspectiva às ideias de Freud relativas ao aparelho psíquico. Bion dá importância aos *processos de pensamento*, o que, para



Green, é interessante por introduzir a dimensão intrapsíquica, contrabalançando a importância dada por Klein às relações de objeto e à identificação projetiva.

Ele também traz, a partir de Bion, a questão da importância de um *duplo ódio*: o ódio da tomada de consciência da realidade interna e o ódio da realidade externa. Outro conceito de Bion utilizado é o de *ataque contra os pensamentos*, “[...] porque o pensamento tem que lutar contra a ligação de quantidades maciças de afetos, suscetíveis de transtornar a organização psíquica” (Green, 1976, p. 115).

Com essa imersão nas ideias de Bion, Green salienta a concepção da relação continente/conteúdo. É nesse ponto que o conceito de limite aparece para Green. Para se estruturar essa oposição entre continente e conteúdo, o estabelecimento de um limite dentro/fora é uma condição necessária. Para Green, no entanto, o analista dos casos-limites é Winnicott (Green, 1976). Winnicott desloca o interesse do objeto interno para o objeto externo. Mas o mais importante desse deslocamento é “[...] o efeito recíproco que um exerce no outro, o dentro e o fora” (Green, 1976, p. 116). A concepção de um espaço intermediário que é construído na relação entre a criança e o objeto externo, a mãe, é fundamental para começarmos a chegar a uma zona de fronteira, em um conceito de limite.

Outro aspecto importante trazido de Winnicott por Green é a noção de *falso self* e também a de *zona de abismo (gap)* e da impossibilidade de criar outra forma de reunião com o objeto dentro da edificação do espaço potencial. Nos casos limite, para Green, “[...] o pensamento seria antes o resultado de uma perversão destrutiva do processo primário do que a expressão autêntica do que esses processos supõem ser no funcionamento psíquico normal” (Green, 1976, p. 118, tradução do autor).

Após esse longo percurso por esses grandes autores da psicanálise, o nosso autor aponta os principais aspectos do funcionamento psíquico dos casos-limites. Primeiramente, o papel do ego, do *self* e do narcisismo nos mecanismos de defesa arcaicos presentes nesses casos: dissociação e clivagem, com conseqüente desinvestimento e identificação projetiva. Por outro lado, quanto à função das relações de objeto, apareceria uma insistência na agressividade pré-genital e sua influência nos processos de pensamento. Haveria também, nos casos-limites, uma impossibilidade de criar um *espaço transicional*. Isso levaria a outra impossibilidade: a mediação entre princípio do prazer e princípio de realidade. Estes convivem sem que um ou outro princípio prevaleça. Esse aspecto constitui um dos paradoxos centrais dos casos-limites e coloca a questão de um distúrbio do pensamento.

Enfim, no trabalho analítico com esses pacientes, é fundamental o papel da contratransferência do analista como guia para sua investigação desses psiquismos.



Alguns autores chegaram a falar que, nesses casos, é preciso que o analista *empreste* seu inconsciente e seu pré-consciente ao paciente. Como se o trabalho de representação necessitasse do inconsciente do outro para poder se efetuar. É por isso que, nesses casos, o analista deve estar muito atento a seus sonhos, alucinações, sensações corporais durante e fora das sessões. Também é importante a noção de uma *distância psíquica* a ser mantida, a qual é necessária para evitar seja uma invasão, seja um abandono.

O conceito de limite

Para introduzir sua reflexão, Green nos mostra que todos esses autores tendem a ter uma concepção genética para explorar o funcionamento dos casos-limites. O ponto de vista estrutural ficou relegado a um segundo plano em prol do ponto de vista genético.

Para Freud, o nascimento do objeto não vem como resultado de uma separação progressiva do corpo da criança. No artigo *A negação* (Freud, 1925), ele sustenta a existência de uma separação que ocorreria desde o começo, a separação dentro/fora.

A concepção freudiana de um *ego realidade originária* pressupõe a possibilidade da distinção entre dentro e fora. A partir de uma leitura minuciosa do artigo *A negação*, Green sustenta que haveria não uma mudança lenta e progressiva, mas sim uma decisão da função do julgamento sobre a existência do objeto. Assim, podemos dizer que o bebê descobre o objeto externo a partir de sua função de julgamento de existência, que estará madura em torno do 6º ao 8º mês, época da primeira grande revolução psíquica, após o nascimento, a descoberta do outro pela angústia do estrangeiro e a entrada na posição depressiva.

René Diatkine considera que essa crise do 8º mês se deve ao fato de que o bebê descobre que a mãe existe independentemente dele e que isso gera *dor psíquica*. Essa dor será o motor dos processos de satisfação alucinatória e de criação da realidade psíquica.

A função de julgamento de existência é estabelecida progressivamente e se contrapõe à reconstrução da experiência passada para o estabelecimento da prova de realidade: “A imaginação e a racionalidade são tão necessárias uma a outra que qualquer desequilíbrio de uma das duas conduz a um comprometimento global do funcionamento mental que pode afetar uma e a outra” (Green, 1976, p. 122, tradução do autor).

Freud utiliza metáforas figurativas e se dá conta que essas são aproximações.



O modo figurativo de comunicação teria uma função transicional entre os afetos que não são representáveis de forma figurativa e o pensamento. A clivagem, que restaura um limite, permite a comunicação a partir dos afetos e dos processos de pensamento verbalmente incomunicáveis.

Para Green, há em Freud uma preocupação com a noção de limite que vai aparecer em diferentes níveis: nas relações entre os estados do ego que pertencem a períodos diferentes e coexistem na psique, nas fronteiras entre as instâncias da personalidade psíquica e na clivagem que permite a justaposição de julgamentos opostos.

Green se propõe dar ao limite um estatuto conceitual, o que não havia feito Freud. Para tanto, retoma o conceito mais fundamental da teoria psicanalítica, a pulsão. Essa fora definida por Freud como um *conceito-limite* (Freud, 1938b), situado no limite dos domínios do somático e do psíquico. Desse *conceito-limite*, Green se propõe extrair um *conceito do limite*. Partindo, então, dessa aproximação com a pulsão, vai se delinear uma definição do limite:

[...] é necessário então considerarmos o limite como *uma fronteira móvel e flutuante*, tanto na normalidade, quanto na patologia. O limite é talvez o conceito mais fundamental da psicanálise moderna. Não devemos formulá-lo em termos de representação figurada, mas sim em termos de processos de transformação de energia e de simbolização (força e significação) (Green, 1976, p.125-126, grifos meus).

A tendência da psique para a separação, no sentido da individuação, cria uma função disjuntiva. A meta de individuação só é atingida, no entanto, se junto a essa função disjuntiva estiver acoplada uma função conjuntiva, necessária para restabelecer a comunicação entre os elementos derivados. Essa função conjuntiva é representada pelo trabalho de simbolização, o qual “[...] necessita a clivagem de dois elementos, em seguida sua recombinação para criar um terceiro elemento, cada um permanecendo o mesmo para tornar-se, no momento da reunião, diferente por causa dessa mesma reunião” (Green, 1976, p. 126).

O modelo hipotético de Green para os casos-limites

Em seu trabalho de 1974, apresentado como relatório no XXIX Congresso da IPA, em Londres, cujo título é *O analista, a simbolização e o enquadre analítico*, Green propõe um modelo conceitual para os casos-limites. Green se pergunta:



Quais seriam os limites do campo psíquico inconsciente?. Podemos inicialmente levantar dois limites hipotéticos do psíquico: o sono e o ato.

Freud chamou de *ação específica* a ação que tem o poder de transformar uma situação de impotência em uma experiência que traga satisfação. A *passagem ao ato*, o agir, é o contrário da ação específica, pois sua função principal é a descarga da tensão para se proteger. Há na passagem ao ato uma precipitação na ação, fazendo um curto-circuito da realidade psíquica.

Os dois lados extremos da pulsão, que são sua origem somática e sua meta, o agir, delimitam o campo psíquico inconsciente. Surge, então, uma questão importante para nosso autor: “[...] qual seria a tarefa fundamental designada ao campo psíquico?” (Green, 1976, p. 127).

Freud propõe que essa tarefa estaria ligada à redução da tensão de desprazer, ou do excesso de tensão. No entanto, Green propõe que a função fundamental do campo psíquico seja a *representação*, o representar, no sentido o mais amplo possível. Trata-se da existência de um modo plural e heterogêneo de representação contendo representantes – representações, representações de palavras, afetos, gestos, atos e estados corporais. Esse campo psíquico sofre duas pressões: de um lado, as moções pulsionais que querem a ação específica e, de outro, o impacto do objeto por meio de sua representação.

Clivagem, perda e intrusão

Nos casos-limites ocorre a clivagem toda vez que há tentativa de separar o bom do mau, o prazer do desprazer, a obrigação de conseguir distinguir entre si mesmo e o objeto, o centro e o fora, o soma e a psique, a fantasia e a realidade. Green dá assim um amplo espectro à clivagem.

A clivagem está ligada à pulsão da morte, pois esta é uma força que desliga, separa. Sua função essencial é disjuntiva. É interessante notar que, para Melanie Klein, o afeto de destruição é que fica em primeiro plano. Já para Freud, como mostra Green, é o conceito de separação-disjunção que fica em primeiro plano (Green, 1976).

Mas de novo é Winnicott que impressionará Green quanto a esse ponto, por ele trazer a noção de que as primeiras experiências de destruição não são identificadas como tais pela criança, a qual a vivenciaria como uma *agonia impensável*. Há a ideia em Winnicott “[...] de uma aniquilação do objeto sem agressividade, mas por aniquilação neutra” (Green, 1976, p. 129, tradução do autor). Outro ponto importante que Winnicott mostra é o decisivo papel do meio



externo em torno do bebê, que deve conter estados de desintegração ou de aniquilamento. A clivagem traz a necessidade de lembramos seu termo complementar: a confusão, frequentemente presente nesses pacientes-limites.

A atitude do objeto é considerada fundamental para o desenvolvimento da clivagem. Green coloca as duas possibilidades extremas dessa atitude: ausência de fusão por parte da mãe, a criança encontra então um *seio branco* (Green, 1976), ou excesso de fusão com a mãe que é incapaz de renunciar ao prazer redescoberto com a gravidez e o aleitamento.

Como resultado da clivagem podemos afirmar que alguma coisa é excluída, rejeitada, recusada. Esta coisa é não elaborável e impensável. Além disso, os elementos clivados retornariam com uma qualidade persecutória intrusiva. Com essa última consideração, podemos, então, compreender melhor os dois tipos de angústia descritos por Green nos casos-limites: angústia de perda e angústia de intrusão.

A intrusão é descrita como uma violência imposta, a partir do interior, pelo objeto interno que interdita o pensamento. Daí a preocupação central desses pacientes em manter a identidade e a autonomia do próprio pensamento. Esse aspecto coloca inúmeras dificuldades no manejo e uso das interpretações do analista. O paciente tende a se retirar numa luta vital desenfreada pela manutenção da identidade diante de um objeto que é sempre intrusivo e ameaçador. Alguns pacientes se retiram, isolando-se em seu próprio pensamento. Ao mesmo tempo, Green afirma que o ego fica atraído e excitado por um objeto intrusivo. A transferência nesse clima de luta para ser não pode se abandonar a qualquer prazer. Por fim, Green mostra que, nesses casos, a agressão vem sempre de fora, do exterior, do real.

A clivagem vai aparecer de diversas maneiras como, por exemplo, entre soma e psique, ou entre sensações corporais e afetos, ou ainda, em formas mais sutis como o processo de isolação que provoca uma disjunção entre afeto e representações (pensamento). Mesmo a atividade motora pode estar clivada do psíquico.

Um primeiro limite que se estabelece é entre soma e psíquico. O soma clivado retorna introduzindo-se no aparelho psíquico sob forma de sintomas psicossomáticos ou de hipocondria. Green introduz a ideia de uma *agressividade neutralizada* (Green, 1976), a qual estaria próxima de uma *destrutividade pura*, no sentido que Freud lhe dá de uma *pura cultura da pulsão de morte*.

Um segundo limite seria criado pela clivagem entre realidade externa e realidade psíquica. Na *passagem ao ato (atuação)*, há uma ausência de simbolização. Essa passagem ao ato é, então, uma ação expulsiva, evacuadora e



aparentemente desprovida de sentido. Mesmo se a passagem ao ato pode ter uma significação simbólica para o analista, isso não ocorre com o paciente, para quem ela é simples descarga.

Green explicita o que distingue o recalque da clivagem. No recalque o que retorna é simbolizado, estando ligado às representações, afetos e derivados do id. Fato essencial aqui: a energia psíquica está ligada. Já, na clivagem, os elementos ligados foram atacados, destruídos. Somente um intenso trabalho da construção imaginativa do analista, às vezes, pode conseguir reconstruir o que foram essas ligações atacadas e destruídas.

Os casos-limites não teriam um sistema de pensamento sob o modelo dos processos primários, por simples regressão. Na sua concepção dos casos-limites, há uma organização singular do ponto de vista metapsicológico, na qual prevalece o *trabalho do negativo*, sob os auspícios da pulsão da morte.

Finalmente, o psicanalista francês assinala que o retorno do recalcado se relaciona à angústia, enquanto o *retorno do clivado* dá origem a sentimentos difíceis de serem colocados em palavras e que se aproximam do desamparo (*Hilflosigkeit*, de Freud), aniquilação (M. Klein), do terror sem nome (Bion), da desintegração ou do suplício (Winnicott).

Por fim devemos lembrar, sem podermos desenvolver essa noção, que, quando há ameaça importante aos investimentos narcísicos, surge o *branco*, referência ao seu artigo sobre *psicose branca* (Donnet & Green, 1973).

Clivagem e depressão

Como vimos, a clivagem nos casos-limites tem sua especificidade, não se confunde nem com o recalque, nem com a clivagem do psicótico, a qual foi descrita como fragmentação por vários autores. Nos casos-limites a clivagem ocorre em dois níveis: entre psíquico e não psíquico (soma e mundo externo) e também dentro do aparelho psíquico.

A clivagem dentro/fora constitui um envelope que traça os contornos do ego, mas, nos lembra Green, este “não funciona como barreira de proteção” (Green, 1976, p. 133). Nesses pacientes o ego apresenta uma variabilidade de limites. Mas esta não é vivenciada como um recurso positivo, nem fonte de maior plasticidade, mas como “última medida defensiva contra a desintegração ou a consupção” (Green, 1976, p. 133). Trata-se de um ego rígido e sem coesão.

A clivagem dentro do aparelho psíquico vai criar núcleos isolados, mais ou menos estruturados, que ficam totalmente sem comunicação entre eles. A imagem



de um *arquipélago*, trazida por Michel de M'Uzan, parece figurar o resultado dessa clivagem *interna*. Como as ilhas não entram em relação entre elas, isso provoca a impressão de um conjunto contraditório de relações, de um ego sem coesão, nem coerência. Assim, nesses casos encontramos fantasias, pensamentos, afetos contraditórios convivendo simultaneamente. Então podemos dizer que o pensamento é atingido. Essa ausência de coesão descrita para o ego leva a sentimentos de desinteresse, desligamento, falta de vitalidade, impossibilidade de se sentir existindo, impressão de futilidade em tudo, etc. Outra imagem trazida por Green para figurar o discurso dos casos- limites é a de um colar no qual as partes estão soltas porque falta o fio que as liga.

Um mecanismo de base que opera nesses casos é a *depressão primária*. Assim Green define esse tipo singular de depressão: “[...] desinvestimento radical que cria estados de branco do pensamento sem nenhum componente afetivo, como dor ou sofrimento” (Green, 1976, p. 134). O paciente mostra uma impossibilidade em representar e uma queda no investimento do seu próprio psiquismo. Isso pode aparecer como uma incapacidade de pensar como a descrita na *psicose branca* (Donnet & Green, 1973).

Green propõe a existência de duas *áreas-limites* dentro do aparelho psíquico. No espaço do dentro, uma área intermediária entre inconsciente e pré-consciente/ consciente, cuja criação própria seria o sonho. Entre o dentro e o fora, a área intermediária descrita por Winnicott (*espaço potencial*) como área do brincar, da ilusão. Por isso Green afirma: “Os casos-limites são caracterizados pela incapacidade funcional para criar derivados do espaço potencial; no lugar de fenômenos transicionais, eles criam sintomas que preenchem essa função” (Green, 1976, p. 135).

Um ponto que me parece interessante e pouco comentado da concepção de limite de Green é o uso que faz da ideia de Bion de *barreira do sonho*. Nesses pacientes o sonho é dificilmente interpretável e, em geral, tem um caráter evacuatório, funcionando assim como uma barreira, um limite, entre o inconsciente e o pré-consciente/consciente. O sonho funciona para aliviar o aparelho psíquico das excitações dolorosas. Green propõe falarmos, para os sonhos desses pacientes, não em condensação, mas em *concretização*. Em outros casos, mais favoráveis, o sonho teria um caráter de atualização de experiências traumáticas.

Green vai salientar bastante o papel do agir nesse tipo de funcionamento psíquico. Esse funcionamento psíquico *em agir* não se limita às ações, pois esse agir pode atingir sonhos, fantasias, produtos da linguagem sob um modo expulsivo. Por exemplo, um paciente que mantém um discurso num fluxo contínuo, um discurso cuja função é de descarga, de evacuação. Como consequência desses



aspectos, esses pacientes não conseguem colocar em suspensão o discurso e associar livremente nas sessões.

Quanto à relação com o objeto, para o paciente limite, Green descreve, fazendo um contraponto com a noção de espaço transicional de Winnicott, o que chama *nem sim, nem não*. Para Winnicott, o espaço transicional tem um aspecto positivo e progrediente para o psiquismo, pois se trata da criação de uma área de coexistência do sim e do não quanto à existência do objeto (o objeto transicional *é e não é* o seio). Nos casos-limites, há uma recusa negativa em escolher o objeto: *nem sim, nem não*.

A influência de Lacan aparece na reflexão de Green sobre a ausência (Green, 1974). Para Lacan, a ausência não comporta nem perda, nem morte. “A ausência é um estado intermediário, no meio do caminho entre a presença e a perda” (Green, 1976, p. 139). Nos casos-limites, “um excesso de presença é a intrusão, um excesso de ausência é a perda” (Green, 1976, p. 139). A ausência é fruto de um árduo trabalho psíquico:

[...] é preciso um esforço considerável para tolerar a ausência, diferenciá-la da perda e para dar ao mundo da representação seu pleno papel: imaginação e pensamento. Somente a ausência do objeto pode estimular a imaginação e o pensamento, em outras palavras, a criatividade e a vitalidade psíquicas (Green, 1976, p. 139).

Uma vez percorrido esse caminho de construção dessa metapsicologia dos limites, Green vai trazer sua hipótese mais importante quanto às repercussões no manejo da análise com esses pacientes. Trata-se da função dos processos de terceirização ou terciários. Não é uma noção fácil de se apreender. Mas tentemos nos aproximar de sua especificidade e singularidade. Assim o descreve Green:

Tais processos, não materializados, são constituídos de mecanismos conjuntivos e disjuntivos de ligação, funcionando como mediadores entre os processos primários e os secundários. Eles não têm outra materialidade a não ser a de estabelecer as relações dos dois outros tipos de processo: primário e secundário. Eles parecem necessários à manutenção de um equilíbrio entre os diversos regimes de funcionamento psíquico e seriam ligados ao Pré-consciente. Eles serviriam para que a criatividade consiga conter a nocividade da clivagem, cujo excesso conduz à desintegração e depois à morte psíquica. Mas a clivagem é também o meio de escapar da



confusão. Tal é a servidão humana: a submissão a dois senhores opostos, a separação e/ou a reunião (Green, 1976, p. 139-140, tradução do autor).

No artigo *La double limite* (1982), Green dá um lugar especial à reflexão sobre o pensamento em psicanálise. Fala em uma clínica e uma teoria sobre o pensamento. Lembra-nos que Freud faz inúmeras referências ao pensamento no *Projeto* (1895), sendo que, em seguida, não o menciona mais, retornando a essa reflexão somente com o estudo do caso Schreber.

Green propõe considerarmos quatro elementos principais a serem examinados sobre o pensamento. São eles: limite, representação, ligação e abstração. O limite se refere a toda reflexão que expusemos aqui sobre o limite dentro/fora e suas alterações. Ele é, para Green, o mais importante para uma reflexão metapsicológica sobre o pensamento.

A função de representação é um elemento essencial que, quando ausente, levaria à paralisia do pensamento. Cabe neste ponto citarmos a concepção da representação para Green:

Uso aqui o termo de representação no sentido conceitual o mais amplo, incluindo o afeto ligado à cadeia de representações (representante afeto), mas excluindo aqueles que não podem acompanhar nenhuma representação ou até mesmo aqueles que se opõem a uma. Ora, é da não admissão de representações no pré-consciente ou do sentimento de não conseguir dar uma forma representável a certos estados afetivos extremamente angustiantes que provém a paralisia do pensamento (Green, 1982, p. 296, nota 1, tradução do autor).

As noções de ligação e de desligamento são conceitos muito gerais da psicanálise e se aplicam a energias e conteúdos e aos diferentes materiais que os veiculam. “Representar já é ligar, mas pensar é *re-ligar* [grifo meu] as representações sob um modo não-especular” (Green, 1982, p. 297, tradução do autor).

O trabalho de simbolização está associado à ligação. Podemos dizer que há diferentes regimes de trabalho de ligação, por exemplo, o dos processos primários ou o dos secundários. Green acrescenta um terceiro tipo, os processos terciários, que seriam aqueles que aproximam os primários dos secundários. Os processos terciários presidiriam a comunicação entre os diversos tipos de funcionamento. O quarto elemento do pensamento é a abstração. Seria o elemento mais específico do pensamento. Ela supõe uma depuração dos derivados pulsionais e da carga



afetiva. A abstração seria fruto de uma mutação em relação à representação. Green supõe, então, a necessidade de uma ruptura, instaurando uma descontinuidade com a representação para que se constitua a abstração. Desses quatro elementos o eixo central é constituído pelo limite, em torno do qual giram os outros três.

O enquadre analítico é submetido à dura prova com esse tipo de pacientes. Green considera que pacientes com problemas de pensamento têm muita dificuldade com a situação criada pelo enquadre analítico. Os casos-limites tendem a *atacar* frequentemente o enquadre.

No artigo *O silêncio do psicanalista* (1979), Green mostra que a invenção do enquadre analítico veio do modelo do sonho e visa a produção de *pensamentos não-pensados*. A analogia que é feita aqui é com o trabalho do sonho. No entanto, o trabalho do sonho não está garantido por si só, ele vai depender do tipo de organização psíquica que abordamos. O enquadre analítico modifica a economia dos limites do paciente. No caso das organizações não neuróticas “[...] o essencial da atividade psíquica está voltado para a manutenção de uma relação com o objeto, sempre ameaçada de destruição recíproca” (Green, 1982, p. 300).

O pensamento de Green na construção de uma metapsicologia dos limites foi muito além da clínica com os pacientes *borderlines* e revelou a noção de limite como um eixo central da psicanálise. Essa reflexão por certo ainda deve ser aprofundada pelos trabalhos dos analistas que continuarão a refletir sobre o assunto. Mas o caminho já desbravado por Green nesse terreno abriu grandes possibilidades para o futuro da reflexão metapsicológica em relação à clínica e ao mundo contemporâneos. Seu legado é enorme para todos os analistas que se sentem engajados com a psicanálise. □

Abstract

The concept of *limit* for André Green: a metapsychological model for borderline patients

French psychoanalyst André Green has presented a very useful theoretical contribution to psychoanalysis with his reflection throughout decades over the problematic of the so called *borderline* cases. In this article the author intends to transmit the construction of Green's thoughts over the limits of the psyche which is a necessary observation to constitute a metapsychology of the boundaries and clarify several aspects of the psychic functioning and of the psychoanalytical work with these patients. The freudian notion of splitting of the Ego as well as many of Winnicott's and Bion's ideas are articulated in a very consistent manner



as to give origin to this metapsychology. The anguish of loss and intrusion mark the relationship between transference/countertransference and these individuals. The development of what André Green calls *tertiary processes* during treatment comes to appear as greatly important in the attempt of expanding the psychic field of representation. Lastly, the author resumes the reflection put forth by Green over the thought in psychoanalysis based on the work with these patients.

Keywords: limit, splitting, borderline cases, André Green, the thinking.

Resumen

El concepto de *frontera* para André Green: un modelo metapsicológico para pacientes *borderlines*

El psicoanalista francés André Green ha presentado un aporte teórico muy útil al psicoanálisis con su reflexión a lo largo de decenios acerca de la problemática de los casos llamados *fronterizos (borderlines)*. En el presente artículo, el autor se propone a transmitir la construcción del pensamiento de Green sobre los límites del psiquismo, reflexión que es necesaria para constituir una metapsicología de las fronteras y aclarar muchos de los aspectos del funcionamiento psíquico y del trabajo psicoanalítico con esos pacientes. La noción freudiana de clivaje, así como muchas de las ideas de Winnicott y Bion, se articulan consistentemente para dar origen a esa metapsicología. Las angustias de pérdida e intrusión marcan la relación transferencial-contratransferencial con esos individuos. El desarrollo de los llamados *procesos terciarios* durante el tratamiento se muestra muy importante en el intento de agrandar el campo psíquico de la representación. Finalmente, el autor retoma la reflexión desarrollada por Green acerca del pensamiento en psicoanálisis desde la clínica.

Palabras llave: frontera, clivaje, casos *fronterizos*, André Green, pensamiento.

Referências

- Bion, W. (1957). Differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. In Bion, W. *Second thoughts*. Londres: Heinemann, 1967, pp.43-64.
- Donnet J.-L. & Green A. (1973). *L'enfant de ça. Pour introduire la psychose blanche*. Paris : Minuit.



José Martins Canelas Neto

- Freud, S. (1895). Esquisse d'une psychologie scientifique. In Freud, S. *La naissance de la psychanalyse*. Paris : PUF, 1986, pp.313-396.
- _____. (1924). Neurose e psicose. In Freud, S. *Obras completas*, vol. 16 (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 176-183.
- _____. (1925). La négation. In *Résultats, idées, problèmes*, (Vol. 2). Paris : PUF, 1987.
- _____. (1938a). Le clivage du Moi dans le processus de défense. In Freud, S. *Oeuvres complètes*, (Vol. 20). Paris : PUF, 2010, pp.219-224.
- _____. (1938b). Abrégé de psychanalyse. In Freud, S. *Oeuvres complètes*, (Vol. 20). Paris : PUF, 2010, pp.225-305.
- Green, A. (1974). Chap. II – L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique. In *La folie privée*. Paris : Gallimard, 1990, pp. 63-102.
- _____. (1976). Chap.III – Le concept de limite. In *La folie privée*. Paris : Gallimard, 1990, pp. 103-140.
- _____. (1979). Chap. IX – Le silence du psychanalyste. In *La folie privée*. Paris : Gallimard, 1990, pp. 317-346.
- _____. (1982). Chap. VIII – La double limite. In *La folie privée*. Paris : Gallimard, 1990, pp. 293-316.
- _____. (2002). *La pensée clinique*. Paris : Éditions Odile Jacob, 2002.
- Klein, M. (1946). Notes sur quelques mécanismes schizoïdes. In *Développements de la Psychanalyse*. Paris : PUF, 1966, pp.274-300.

Recebido em 06/12/2012

Aceito em 20/12/2012

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

José Martins Canelas Neto

Rua Baltazar da Veiga, 24

04510-000 – São Paulo – SP – Brasil

e-mail: josecanelas@uol.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA